

GÊNEROS TEXTUAIS: PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA HASHTAG #PRIMEIROASSEDIO

(Text genres: problematizations concerning the hashtag #PrimeiroAssedio)

Rossana Finau¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Maria L. F. Guilherme²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Bárbara Puppi³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a organização textual em discursos elaborados por meio de hashtag. Para tanto, toma a #PrimeiroAssedio como exemplar de ocorrência desse tipo de construção discursiva em redes sociais e, ao analisá-la, apresenta como resultado a possibilidade de considerar essa etiqueta como um gênero textual. Tal resultado advém de investigação qualitativa, documental e bibliográfica, principalmente a partir de estudo dos trabalhos de Kress (1989), Balocco (2005), Araújo (2016), Meurer; Bonini e Motta-Roth (2005), Silveira (2013), entre outros.

Palavras-chaves: *Gênero textual. Hashtag. Tecnologia e Linguagem. Feminino.*

ABSTRACT

This paper aims to investigate textual organization in speeches elaborated by means of hashtag. Therefore, it assumes #FirstAssedio as an example of occurrence of this type of discursive construction in social networks and, when analyzing it, results present the possibility of considering this tag as a textual genre. This result comes from qualitative, documentary and bibliographic research, mainly from the study of the works of Kress (1989), Balocco (2005), Araújo (2016), Meurer; Bonini and Motta-Roth (2005), Silveira (2013), among others.

Keywords: *Textual genre. Hashtag. Technology and Language. Female.*

Recebido em: março 2017

Aceito em: maio 2018

[DOI: 10.26512/les.v19i2.16809](https://doi.org/10.26512/les.v19i2.16809)

¹ Professora de Linguística atuando nas subáreas de linguagem e surdez, semântica e linguística textual no Mestrado em Estudos de Linguagens e no Curso de Letras do Departamento de Linguagem e Comunicação da UTFPR. E-mail: rfinau@hotmail.com

² Possui graduação em Letras Português e Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2015). Atualmente é mestranda do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens na mesma Instituição. E-mail: barbara.puppi@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), na área de concentração Linguagem e Tecnologia. Graduada em Licenciatura em Letras Português-Inglês pela UTFPR e cursa Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua como Técnica Administrativa em Educação da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DIRPPG) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Curitiba. E-mail: marialigiafreire@gmail.com

INTRODUÇÃO

O acesso cada vez maior à tecnologia, além das facilidades propiciadas pelos avanços da internet geram vantagens, como o acesso rápido e fácil às informações e possibilidade de expressão. Essas características dão espaço para a consolidação das comunidades virtuais, além da reelaboração de gêneros textuais. A partir desse contexto, apresentamos pesquisa realizada sobre o fenômeno virtual impulsionado pela *hashtag* #PrimeiroAssedio, a fim de mostrar que essa etiqueta se constituiu como um gênero textual, tomando como aporte teórico, principalmente, os estudos de Kress (1989) e Balocco (2005). O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir de observação da maneira como os processos linguísticos e discursivos da modalidade escrita da linguagem se dão em suportes de interação *online*, mais precisamente em redes sociais. Esse fato, somado a intensas discussões sobre o feminismo e a igualdade entre gêneros, contribuíram para que as diretrizes para esta análise se delineassem.

Destarte, dividimos este trabalho em seções em que discutiremos sobre a relação que se tece entre o ciberespaço e os movimentos sociais e a interposição entre os fatos das vidas *online* e *offline*, com foco no fato que deu origem a esta pesquisa - o caso de assédio sexual à participante de 12 anos do *realityshow* culinário MasterChef Junior. Em seguida, passamos para a descrição do contexto dos dados (*tweets* com a *hashtag* #PrimeiroAssedio), seguindo para a análise dos dados e nossas considerações finais.

1. CIBERESPAÇO E MOVIMENTOS SOCIAIS

O espaço virtual de interação social tem se tornado palco para a construção de um retrato da realidade social. De acordo com Martino (2007), os meios de comunicação são instituições centrais de representação da realidade social. Dessa maneira, o uso intenso das redes sociais, especialmente *Facebook* e *Twitter*, contribui para uma interação mais imediata e espontânea entre seus usuários, além da disseminação de ideias e ideologias. Essas ideias são construídas em um diálogo entre os interlocutores, que têm a possibilidade de se envolverem em discussões, manifestarem seus pontos de vista e se engajarem em movimentos e causas sociais, nas chamadas comunidades virtuais.

Uma das principais características do que Neves (2014) chama de comunidades virtuais é a busca de pertencimento por parte de seus membros, que se conectam por interesses comuns e se comunicam estruturadamente por meio de suportes eletrônicos, especialmente a internet. Essas comunidades habitam o ciberespaço, definido por Levy (1999) como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY,

1999, p. 93). O ciberespaço é um construto virtual, mas dispõe de ferramentas que oportunizam formas reelaboradas de comunicação e de produção de conteúdos. De acordo com Neves (2014), esse espaço "agencia a quebra das fronteiras geográficas por um lado e, por outro, gera novos territórios, identidades e práticas sociais, lugares e não lugares" (NEVES, 2014, p. 58) e permite que se quebre o protocolo do poder institucionalizado pela massa de internautas. Um dos elementos que constitui o ciberespaço é o que se chama de cibercultura, entendida por Rüdiger (2013) como um

veículo formador de um processo que, lastreado na iniciativa das massas, pode influenciar no impacto cotidiano de nossas grandes instituições políticas e econômicas, visto que o importante não é tanto o conteúdo por ela agenciado, mas a participação de onde ela se origina e extrai seu movimento. (RÜDIGER, 2013, p. 33)

Os espaços virtuais dão possibilidade de visibilidade a grupos sociais, tomando as diferentes vertentes do movimento feminista como exemplo, é possível encontrar diversos grupos, comunidades e páginas geridas por indivíduos, Organizações Não Governamentais (ONGs) e coletivos políticos que compartilham notícias, textos teóricos e trocas de experiências sobre o movimento, buscando gerar visibilidade e geração de poder às mulheres.

2. A INTERSECÇÃO ENTRE O *ONLINE* E O *OFFLINE*: O CASO VALENTINA

O crescente uso das redes sociais por um número cada vez maior de usuários faz com que acontecimentos da vida *offline* ou real cheguem rapidamente à rede, gerando respostas imediatas. O tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2015 - a violência contra a mulher - por exemplo, gerou uma série de manifestações na internet sobre o assunto, tanto positivas, ressaltando o engajamento da prova, quanto negativas. Além da redação, uma das questões da prova trazia citação de Simone de Beauvoir sobre a significação do que é *ser mulher*, o que fez com que muitos usuários se posicionassem de modo confrontador aos ideais de igualdade de gênero pregados pelos movimentos feministas e representados no exame. Como contrapartida, grandes coletivos feministas e um grande número de indivíduos, sobretudo mulheres, manifestaram seus posicionamentos, gerando visibilidade e posicionamento de luta à causa.

Ainda no contexto que se formou no fim de 2015, mais um fato da vida *offline* gerou grande repercussão nas redes sociais. Em 20 de outubro de 2015, Valentina, a participante de 12 anos do *realityshow* culinário Masterchef Junior, foi vítima de assédio sexual e alvo de comentários pedófilos nas redes sociais, especialmente no *Twitter*. Como resposta ao assédio sofrido pela menina, a jornalista Carol Patrocínio publicou na página do jornal *online* Huffpost Brasil matéria

intitulada “Quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos precisamos falar sobre a cultura do estupro”. Nesse texto, a jornalista problematiza o que se chama da cultura do estupro e sobre a importância do feminismo. Após a divulgação dos *tweets* (Postagem da rede social *Twitter* com limite de 140 caracteres) acerca da menina, grande mobilização se formou na internet, em que muitas mulheres passaram a desabafar sobre assédios que elas próprias haviam sofrido, com o intuito de mostrarem que o assédio à Valentina não foi um caso isolado e que problematizar e trazer à baila a questão do assédio na infância é necessário.

3. *HASHTAG* TRANSFORMAÇÃO

Como mencionado anteriormente, o ciberespaço se tornou um lugar de voz para diferentes grupos sociais. Os diferentes discursos que circulam nas redes sociais podem acontecer dentro de grupos fechados e comunidades virtuais ou podem ser publicados por indivíduos que não estão necessariamente conectados àqueles. A intersecção desses discursos muitas vezes acontece por meio do uso de etiquetas que funcionam como palavras-chave, as chamadas *hashtags*. De acordo com Silveira (2013), as *hashtags* são criadas com a utilização do símbolo # (*hash*) associado a uma palavra, formando uma etiqueta (*tag*). As *hashtags*, portanto, carregam uma carga semântica e funcionam como filtro nas redes sociais, especialmente no *Twitter*, além disso, ressalta Silveira (2013):

É interessante observar, ainda, que a *hashtag* não é um mecanismo pensado pelos criadores do *Twitter* e não fazia parte de sua interface inicial. É uma apropriação que os próprios usuários acrescentaram ao sistema para melhorar as possibilidades de criar grupos de pessoas em torno de um tema ou assunto determinado. (SILVEIRA, 2013, p. 1-2)

Assim, a utilização de uma determinada *hashtag* pode conectar *tweets* e manifestações virtuais de lugares distintos e esses textos passam, então, a ter uma conexão temática e semântica. Ainda sobre o caso Valentina, como repercussão aos discursos de assédio direcionados à participante do programa de televisão MasterChef Brasil, o projeto feminista que visa empoderar e informar mulheres chamado **Think Olga**⁴, que idealizou a campanha contra o assédio sexual em espaços públicos chamada “Chega de fiu-fiu”, lançou na internet a *hashtag* #PrimeiroAssedio, com o objetivo de incentivar as mulheres a relatarem lembranças de assédios que tenham sofrido ainda na infância ou adolescência.

⁴ Projeto feminista criado em abril de 2013, pela jornalista Juliana de Faria, com objetivo de criar conteúdos sobre mulheres e para mulheres, gerando poder e autonomia. Disponível em: <http://thinkolga.com/>

Por motivos como vergonha, culpabilização ou medo, muitas mulheres não denunciam ou desabafam sobre assédios sofridos, como aponta o ginecologista Jefferson Drezett em uma matéria veiculada pelos sites *Portal Ig*⁵ e *Wscom*⁶. De acordo com Drezett, “os principais motivos para que a denúncia não seja consolidada são o medo de morte e da repetição da violência, sensação de vergonha e humilhação e sentimento de culpa”. Assim, o processo de culpabilização se dá a partir da forma como a sociedade concebe a vítima e, do mesmo modo, a partir da forma como a vítima concebe a si mesma, considerando a percepção social. Isso significa que tal processo se dá numa relação dialógica, uma vez que, nesse contexto, o fator *social* é responsável por incidir sobre o comportamento do *indivíduo*, ao mesmo passo que este colabora para construção de um determinado imaginário social, ao assumir o discurso de culpabilização como natural. Nesse sentido, Narvaz e Koller argumentam que

Os discursos de sedução e de culpabilização do feminino têm atravessado a história há séculos. Além de serem percebidas como passivas, acusadas de permanecerem em relações violentas e de não protestarem contra os abusos sofridos, as mulheres e meninas têm sido vistas como provocadoras, sedutoras e, portanto, culpadas pela violência que sofrem. (NARVAZ; KOLLER, 2007, p. 79)

Desse modo, podemos afirmar que há duas principais vertentes dessa culpabilização, na primeira, entende-se a mulher como um indivíduo passivo perante a situação de assédio, como alguém que permite e assujeita-se a essa situação por livre e espontânea vontade. Do outro lado, há a percepção que retrata a mulher como agente provocadora, indivíduo responsável por deflagrar o ato de violência por parte do agressor. Essas afirmações são endossadas por uma pesquisa realizada, em 2014, pelo Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2014), cujo objetivo era o de avaliar a tolerância social à violência contra as mulheres. De acordo com os dados gerados por essa pesquisa, a culpabilização da mulher é um componente frequente nos casos de violência no âmbito de relações íntimas. A pesquisa ainda aponta que, apesar de o senso comum entender o não posicionamento da mulher como uma atitude deliberada de assujeitamento, isso ocorre dada “tendência de se culpar, de acreditar que o comportamento violento pode mudar, de temer pela vida e integridade física, própria e dos filhos” (IPEA, 2014, p.21). O mesmo movimento de culpabilização acontece quando uma

⁵ Matéria intitulada “90% das mulheres estupradas não denunciam agressor, diz especialista”, publicada em 25 de abril de 2014, pelo *Portal IG*. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-04-25/90-das-mulheres-estupradas-nao-denunciam-agressor-diz-especialista.html>> Acesso em: 25 nov. 2015.

⁶ Matéria intitulada “90% das mulheres não denunciam agressor”, publicada em 25 de abril de 2014 pelo portal *Wscom*. Disponível em <<http://www.wscom.com.br/noticia/90-das-mulheres-estupradas-nao-denunciam-agressor-diz-especialista/>> Acesso em: 25 nov. 2015.

mulher se cala ao sofrer qualquer tipo de abuso ou assédio sexual dentro de casa. Os dados da pesquisa são claros ao demonstrar que 58,5% dos entrevistados concordam com a ideia de que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros” e, nesse sentido, os pesquisadores afirmam que

Por trás da afirmação, está a noção de que os homens não conseguem controlar seus apetites sexuais; então, as mulheres, que os provocam, é que deveriam saber se comportar, e não os estupradores. A violência parece surgir, aqui, também, como uma correção. A mulher merece e deve ser estuprada para aprender a se comportar. O acesso dos homens aos corpos das mulheres é livre se elas não impuserem barreiras, como se comportar e se vestir “adequadamente” (IPEA, 2014, p.22)

Dado esse contexto, é possível afirmar que, com a *hashtag* #PrimeiroAssedio, as mulheres à frente do **Think Olga** esperavam, por meio do desabafo por parte das leitoras e usuárias das redes sociais, conseguirem se apoderar de suas próprias histórias, enxergando a opressão que viveram ou ainda vivem. Essa campanha teve um alcance de grandes proporções e, de acordo com o grupo **Think Olga** (2015), em poucos dias, houve mais de 82 mil postagens utilizando a *hashtag* #PrimeiroAssedio, contando *tweets* e *retweets* (ferramenta de compartilhamento de um *tweet*)⁷. A *hashtag* foi um fenômeno na rede social *Twitter*, uma vez que mobilizou um número muito grande de menções em um espaço curto de tempo. Uma característica do uso dessas etiquetas é a convergência virtual de manifestações sobre um determinado acontecimento e tem como carro-forte a atualidade. De acordo com Silveira (2013), as *hashtags* do *Twitter* entrelaçam, no enunciado, os conceitos de memória e atualidade:

[...] **uma memória** que confere ao enunciado o seu caráter histórico e social; e **uma atualidade** em que imperam os recursos audiovisuais e digitais, que não cessam de construir mecanismos que possibilitam o armazenamento (arquivo) e as incessantes retomadas e reformulações do discurso” (SILVEIRA, 2013, p. 7, grifos da autora)

Considerando o caráter atual do uso de *hashtags*, é possível inferir que certos assuntos muito comentados em um determinado contexto podem deixar de serem debatidos ou mencionados quando se muda o contexto, característica da efemeridade dos assuntos da internet. No momento da presente pesquisa, consulta breve à plataforma de buscas do *Twitter*, indicou que, entre janeiro e

⁷ Em análise realizada pelas idealizadoras da *hashtag* #PrimeiroAssedio, com 3.111 histórias compartilhadas, o projeto **Think Olga** (2015) constatou que a idade média das ocorrências do primeiro assédio é 9,7 anos, fato esse que ressalta a importância de um maior debate sobre o assédio na infância.

maio de 2016, mais de 120 menções foram feitas à *hashtag* #PrimeiroAssedio, ilustrando a relevância do tema, mesmo após alguns meses do ocorrido que o trouxe à baila.

4. METODOLOGIA E GERAÇÃO DE DADOS

A contextualização até aqui apresentada já faz parte da escolha metodológica para esta pesquisa: qualitativa complementada por estudo bibliográfico e documental. Conforme Fonseca (2002), a pesquisa qualitativa considera aspectos da realidade que não podem ser mensurados estatisticamente, pois exigem uma análise focada nas dinâmicas das relações sociais. A fim de subsidiar o pesquisador para tal condução de investigação, o estudo bibliográfico e documental, em conjunto com a análise qualitativa, permite recolher mais informações advindas de fontes com maior diversidade.

Feita essa explanação sobre o encaminhamento qualitativo para pesquisa, bem como a apresentação do contexto de investigação, ou seja, a descrição sobre as relações possíveis a partir do estabelecimento das comunidades virtuais e acerca do fenômeno da *hashtag* #PrimeiroAssédio, a partir do caso Valentina, passamos para o processo de geração de dados. A *hashtag* #PrimeiroAssédio foi lançada em 21 de outubro de 2015 e, em poucos dias, alcançou o marco de 82 mil *tweets*. Considerando a quantidade massiva de dados e a dificuldade em se fazer um levantamento completo de todos eles, visto que a *hashtag* permanece ativa, optamos pela análise de quatorze *tweets* selecionados pela plataforma online da Revista Fórum, em notícia⁸ publicada em 22 de outubro de 2015, pela jornalista Anna Beatriz Anjos.

O fator que justifica essa escolha reside na visibilidade alcançada pela campanha. Em 26 de outubro de 2015 o coletivo **Think Olga**, articulador do movimento, analisou mais de 3 mil *tweets* e compartilhou suas impressões em sua página da internet e, nesse ínterim, diversos jornais da mídia brasileira e internacional noticiaram esse acontecimento. Uma das páginas interessadas em discutir o tema foi a Revista Fórum, que veiculou o artigo escrito por Anjos menos de 24 horas depois do começo da campanha. Outro ponto relevante, ainda considerando a proximidade entre a data de lançamento da campanha e a de publicação da notícia, é o fato de Anjos ter se baseado, principalmente, em *tweets* que entraram em circulação no dia 22 de outubro de 2015, data mais produtiva para o movimento em termos de números. Focar nesses *tweets* permitiu que explorássemos a rapidez com que o gênero se constituiu. Vale ressaltar que esse tipo de levantamento de textos está de acordo com a proposta metodológica aqui assumida, em que a análise qualitativa também é complementada por estudo documental. Na referida notícia, há um

⁸ Consta nas *Referências* como *Notícia (A)*

apanhado de 14 *tweets* com a *hashtag* #PrimeiroAssedio, sendo que 3 deles foram publicados na noite do dia 21 de outubro de 2015 e os outros 11 publicados no dia seguinte, 22 de outubro de 2015. Os textos dos 14 *tweets* previamente selecionados, bem como as datas e horários de publicação – e que servirão como dados para a análise desta pesquisa – podem ser observados na tabela que segue.

Tabela 1 - Dados #PrimeiroAssedio (Revista Fórum, 2015)⁹

	Texto	Data	Hora
1	Eu tinha nove anos e o vizinho que devia ter uns 50 na época me agarrou por trás e começou a esfregar o pau em mim #PrimeiroAssedio	21/10	19h39
2	Sempre disse oi p/1 vizinho idoso e deficiente. Uma vez ele me chamou. Me apalpou e me tocou. Eu tinha uns 8 anos #PrimeiroAssedio	21/10	19h41
3	Tinha uns 8 anos e esperava minha mãe nas compras. Dois rapazes passaram por trás, pegaram na minha bunda e saíram rindo. #PrimeiroAssedio	21/10	19h46
4	Tinha uns 10 anos e passava por um lugar movimentado, um senhor colocou a mão dentro da minha blusa e disse: "que tesão" #PrimeiroAssedio	22/10	12h52
5	O porteiro do prédio me ergueu pra me ajudar a pegar um brinquedo na árvore fazendo questão de me apalpar. Eu tinha 9 anos. #PrimeiroAssedio	22/10	12h56
6	lembro do pai de uma amiga que passou a mão em mim durante uma viagem de carro de volta pra casa #PrimeiroAssedio	22/10	12h59
7	eu tava de mini saia na rua indo encontrar minha mãe e um cara passou por mim e botou a mão por debaixo da minha saia #primeiroassedio	22/10	13h04
8	A primeira vez que eu senti agressão mesmo foi com o PM me chamando de gostosa, mas essas histórias fazem a gente pensar #primeiroAssedio	22/10	13h04
9	@ThinkOlga Aos 9 anos, um cara de bicicleta passou a mão na minha bunda, eqto murmurava "gostosa" de um jeito bem nojento. #primeiroassedio	22/10	13h04
10	#PrimeiroAssedio 6 anos. Meu pai chegou bêbado em casa e tentou deitar na minha cama. Comigo. Eu sai correndo e me escondi no banheiro.	22/10	13h07
11	10 anos de idade. Melhor amigo do meu pai. Colocou a mão dentro da minha calcinha perguntando se eu gostava daquilo. #PrimeiroAssedio	22/10	13h11
12	7 anos, quadra da escola, 4 meninos me suspendem e tentam tirar minhas roupas. Gritei igual louca e eles fugiram #primeiroassedio	22/10	13h11
13	10 anos passeando com meu cachorro um homem se masturbando na minha frente ao lado de um caminhão pequeno. Sai correndo #PrimeiroAssedio	22/10	13h14
14	Tinha um primo de 14 anos e eu tinha 6, ele falava preu pegar no pau dele que era normal, falei pra minha vó, mas não adiantou #primeiroassedio	22/10	13h23

Explicitados os dados e a metodologia empregados para esta pesquisa, passamos para a próxima seção, na qual faremos um levantamento teórico sobre as noções e reelaboração de gêneros textuais, além da definição dos parâmetros analíticos e para a análise propriamente dita.

⁹ Em campanha no Twitter, mulheres relatam primeiros casos de assédio que sofreram. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/10/22/em-campanha-no-twitter-mulheres-relatam-primeiros-casos-de-assedio-que-sofreram/>> Acesso em: 25 nov. 2015.

5. LINGUAGEM, IDEOLOGIA E PODER

Este trabalho buscou fundamentação em Fairclough e Wodak (1997) por comporem a vertente teórica denominada Análise Crítica do discurso, doravante ACD, a qual defende a linguagem como prática social e tem por foco explorar de que forma linguagem e poder se relacionam. No que tange à segunda afirmação, é interessante ressaltar que a relação entre linguagem se estabelece como um campo de estudo dentro da ACD pelo fato de tal perspectiva adotar a ideia de que “a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado” (HABERMAS, 1977, p. 259). De acordo com a ACD, o poder é exercido por meio de processos estruturais sociais, os quais estão necessariamente atrelados à linguagem, uma vez que a linguagem é uma forma de ação.

Desse modo, para que seja possível compreender os preâmbulos básicos da ACD, faz-se necessário explorar três conceitos-chave de tal perspectiva teórica: história, ideologia e poder. Seguindo Fairclough (1997) e considerando, mais uma vez, a ideia de que a linguagem é prática social, devemos, também, atentar para o fato de que práticas sociais são situadas historicamente, isto é, acontecem em um ponto específico dentro do eixo tempo-espço. Daí a necessidade de explorar o campo histórico, pois as práticas de linguagem são sempre direcionadas a alguém, em um contexto axiológico específico.

Em sequência, as ideias de ideologia e poder são relevantes pelo fato de permearem essas tais práticas sociais. Nesse contexto, como propõe Kress (1979), é importante ressaltar que esses dois conceitos estão entrelaçados, uma vez que as relações de poder são responsáveis por calcar determinadas ideologias, da mesma maneira que as ideologias fornecem subsídios para que relações de poder específicas se mantenham dominantes. Desse modo, a linguagem se estabelece como elo entre ideologia e poder, permitindo que esses dois conceitos se retroalimentem. Nesse sentido, torna-se possível afirmar que linguagem pode, ora ser instrumento de criação e/ou manutenção de cargas ideológicas, ora agir como instrumento por meio do qual as representações são disseminadas socialmente. Isso significa que a linguagem age como uma arena de embate de diferentes cadeias ideológicas, onde distintos grupos travam batalhas para exercer poder ou para resistir a ele. Desse modo, acatamos o postulado de Thompson (1990), de que ideologia se dá a partir de formas e processos sociais dentro das quais, e por meio das quais, representações simbólicas passam a circular no cerne social. Na mesma direção, Kress (1979) defende que ideologias são

conjuntos de ideias envolvidas na ordenação da experiência, fazendo sentido do mundo. Essa ordem e esse sentido são parciais e particulares. Os sistemas de idéias que constituem ideologias são expressos através da linguagem. A linguagem

fornece os modelos e categorias de pensamento e, em parte, a experiência das pessoas do mundo (KRESS, 1979, p. 67)

A partir desse fragmento, podemos afirmar que, assim como Fairclough (1997), Kress (1979) compreende a linguagem como um produto de cunho social, que possibilita a expressão de valores e significados referentes aos diferentes grupos sociais de forma sistemática. Para o autor, o uso concreto da linguagem (os textos) são as frações mais pertinentes no que tange ao aspecto comunicativo da linguagem. Em outras palavras, os recortes feitos pelos indivíduos em um determinado contexto axiológico, dado um determinado evento social, são as unidades mais carregadas de significação, justamente por representarem uma prática social.

Nesse contexto, faz-se pertinente discutir a noção de gênero textual situada dentro da perspectiva da ACD. Para Kress (1989), gêneros textuais são unidades linguísticas que têm por finalidade sistematizar e codificar tanto as características quanto as configurações dos fenômenos sociais pertinentes ao cotidiano humano. Desse modo, ao fornecer acesso às regularidades de dadas práticas sociais, os gêneros textuais acabam por direcionar os objetivos dos sujeitos inseridos nesses eventos discursivos. Isso significa que a linguagem não é onipotente por si só, ela adquire sentido e passa a circular representações à medida que sujeitos/grupos sociais/instituições se apropriam dela, dado um evento social, a fim de veicular ideologias e organizar a práxis humana. Assim, torna-se possível afirmar que a relação entre poder e linguagem se dá no controle de uma ocasião por meio de um gênero textual.

6. ESTUDOS TANGENTES E PARÂMETROS ANALÍTICOS

Feita essa contextualização teórica, passamos para alguns trabalhos desenvolvidos que tratam desse mesmo recorte e possuem afinidades metodológicas com esta pesquisa. Em *Reelaborações de gêneros em redes sociais*, Araújo (2016) mobiliza uma discussão sobre a natureza dos gêneros mais recorrentes nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, a fim de caracterizá-los quanto aos seus processos de reelaboração. O *corpus* utilizado para a discussão de Araújo (2010) foi gerado a partir de 240 enunciados, 120 retirados do *Twitter* e 120 retirados do *Facebook*, tomando como critério de seleção aspectos tais como: números de curtidas, compartilhamentos, comentários e retweets.

Após apresentar o recorte de análise, o pesquisador pontua que “a Web não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendam às demandas de um suposto discurso digital” (ARAÚJO, 2016, p. 51), portanto, seria equivocado assumir a existência de esfera e gêneros digitais. De acordo com o autor, a web é um ambiente plural que absorve e transmuta para si

diversas esferas de atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos. Isso significa que, muito embora a web não seja capaz de gerar esferas comunicativas e, por conseguinte, gêneros, ela se estabelece como um espaço de reconfiguração das atividades que permeiam a comunicação humana.

Considerando que esferas comunicativas “são formas de organização e de distribuição dos lugares sociais nas diferentes instituições e situações sociais de produção dos discursos” (ROJO, p. 97), torna-se possível assumir que todas elas foram criadas anteriormente ao nascimento da Web. Desse modo, uma vez que o texto “sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*”. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 311) o dialogismo permanece sendo aspecto *sine qua non* para que a linguagem se estabeleça, seja em um diálogo digital ou em um face a face. Por outro lado, por exemplo, podemos afirmar que o dialogismo se dá de maneira reelaborada em redes sociais, considerando que essas plataformas possuem uma dinâmica diferente no que diz respeito ao processo de interação, possibilitando maior conectividade entre os usuários. Tal proposição nos permite reiterar a afirmação de que a web não instaura esferas comunicativas, mas possibilita a reconfiguração de atividades pertinentes à interação comunicação humana, tais como, nesse caso, o compartilhamento de informações.

Ainda no que diz respeito às estratégias de comunicação relacionadas às redes sociais, mais especificamente o *Twitter* e o *Facebook*, Araújo (2016) defende que a dinâmica de valores organizadora das interações nesses espaços emerge pela necessidade dos usuários repensarem estratégias a fim de angariar capital social (valor simbólico que permeia as interações dentro de um grupo social), o qual é adquirido ao se atrair maior audiência e propagação de postagens. Desse modo, essas redes sociais são responsáveis por possibilitar que usuários reelaborem suas práticas de linguagem e, assim, consequentemente, os gêneros textuais. Posto esse contexto, podemos afirmar que, por integrarem os espaços digitais, as redes sociais possibilitam que os usuários experimentem, testem e recriem as estratégias de interação no uso da linguagem a fim de gerar capital social. Mais especificamente, no que diz respeito ao *Twitter*, conforme o autor, valores como afinidade e potencial de propagação agem na organização das postagens. Dessa forma, indivíduos reelaboram estratégias de linguagem buscando terem as posições que ocupam no mundo reconhecidas por seus interlocutores, outros usuários da rede social em questão, movimento que ocorre por meio de compartilhamentos e curtidas. As mensagens canceladas pelos usuários se estabelecem, portanto, como diretrizes de produção do enunciado, isso significa que a propagação permite relativa estabilidade nos arranjos genéricos criados nessa rede social.

Desse modo, se considerarmos tanto a proposta dos *tweets* analisados, quanto as limitações impostas pela plataforma *Twitter*, podemos estabelecer a hipótese de que *#PrimeiroAssedio* é uma

reelaboração de uma narrativa de experiência pessoal. É possível fundamentar essa afirmação traçando um paralelo com o texto de Balocco (2005), cujo objetivo reside em descrever e analisar o gênero *coming out stories* – que consistem nos textos elaborados por sujeitos homossexuais para contarem aos familiares e/ou amigos sobre sua orientação sexual. Com o objetivo de descrever esses textos, Balocco (2005) explora a teoria discursivo-semiótica de Kress (1979) a fim de criar categorias para sua análise. Considerando que, para tal perspectiva, os gêneros textuais não devem ser descolados das práticas sociais às quais estão vinculados, uma vez que o indivíduo se posiciona discursivamente com o objetivo de atender às demandas geradas em situações determinadas. Por outro lado, também é importante atentar para os aspectos formais que corroboram para o surgimento de um gênero, pois é por meio deles que as variáveis históricas e culturais passam a circular no mundo. Desse modo, é possível afirmar que o texto é “duplamente determinado: pelos significados sociais dos discursos que nele figuram e pelas formas, significados e restrições de determinado gênero” (BALOCCO, 2005, p. 68). Isso significa que textos podem ser analisados tanto pela maneira como naturalizam sentidos socialmente instituídos, quanto pela medida em que elaboram sentidos. Para que isso seja possível, é preciso olhar para as restrições discursivas e genéricas, bem como para as formas complexas pelas quais os textos se relacionam com outros circundantes.

A partir dessas considerações, elencamos dois aspectos importantes relacionados ao uso da hashtag *#PrimeiroAssedio*: a passagem da esfera privada para a pública; e a característica representacional desses gêneros. Esses elementos possuem relação com as *coming out stories*, analisadas por Balocco (2005). Para a autora, esse gênero provém de depoimentos cujos enredos apresentam o *drama* como característica em comum. A autora pontua que as *coming out stories* têm seu *emplotment* obrigatoriamente estruturado como dramático por conta das restrições discursivas que pesam sobre elas. Na maioria dos exemplos, o drama é deflagrado quando os sujeitos tornam públicas informações do domínio privado, ou seja, quando assumem suas orientações sexuais.

O outro aspecto citado pela estudiosa, diz respeito ao caráter representacional do gênero, está atrelado à posição da qual o sujeito homoerótico se apropria ao tornar sua orientação sexual pública, uma vez que esse movimento situa esse sujeito socialmente por meio de processos identitários. Assumir publicamente a orientação homoerótica coloca esses sujeitos em uma relação dialógica com a sociedade, pois, ao se posicionarem dessa forma, estabelecem interação com o outro, visando reconhecimento social. Dessa maneira, as *coming out stories* se qualificam como representacionais à medida que intervêm nas práticas sociais por meio da linguagem. Assim, considerando que a análise desenvolvida ao longo deste artigo se aproxima da realizada por Balocco

(2005), buscamos referência nas categorias analíticas utilizadas pela autora para descrever o gênero em questão.

As etapas de análise envolvem três elementos importantes: 1) em termos dos *lugares de fala dos participantes*; 2) em termos de sua *organização textual*; e, finalmente, 3) em termos do seu *propósito, ou finalidade reconhecida*. A primeira categoria busca explorar a relação do sujeito com o mundo e do mundo com o sujeito. A partir dela, somos capazes de explorar o sujeito na qualidade de indivíduo e, também, como produto social. Desse modo, na primeira categoria devemos explicitar as cargas ideológicas e as identidades mobilizadas pelo sujeito enunciador, sem descolá-lo do espectro social. A segunda categoria, por sua vez, busca explorar as mobilizações linguístico-textuais realizadas pelos sujeitos enunciadoreis. A terceira categoria está relacionada com a prática social atrelada ao uso do gênero em questão.

7. ANÁLISE DOS DADOS

Dado esse contexto, partimos para a análise do corpus selecionado para a presente pesquisa. Tomando as categorias supracitadas como norte analítico, podemos elencar e discorrer sobre três importantes elementos acerca das práticas sociais em torno da *hashtag* #PrimeiroAssedio. Cabe lembrar, que os *tweets* selecionados para esta análise constituem apenas um recorte do que foi produzido e não representam, necessariamente, o todo. Contudo, entendemos que esse todo, composto por mais de 80 mil publicações, possui um denominador comum, viabilizado pelo uso da *hashtag* #PrimeiroAssedio.

Dito isso, passamos à análise iniciando a discussão sobre os *lugares de fala dos participantes*, para isso, considera-se que “as posições de sujeito são representadas pelos lugares a partir dos quais os autores sociais podem falar e os papéis que podem desempenhar” (BALOCCO, 2005, p. 71), ou seja, é possível pensar que, por meio da *hashtag* #PrimeiroAssedio, sujeitos que enfrentaram algum tipo de assédio sexual, apropriam-se de suas posições no mundo a partir da possibilidade de falar sobre o ocorrido com “pares” na mesma situação. Nesse sentido, a presente pesquisa se aproxima da realizada por Balocco (2005), pois o gênero #PrimeiroAssedio também assume caráter representacional ao permitir que esses sujeitos façam a transição de algo do domínio privado para o público. Outra observação pertinente recai sobre a forma como a plataforma interfere nesse processo, pois a ferramenta *hashtag* etiqueta *tweets* que levam o mesmo título e isso possibilita trocas discursivas, isto é, diálogos entre os usuários e esses podem ser contabilizados e acessados por qualquer pessoa com interesse pelo tópico, ou que deseje angariar “capital social”.

Dentro desse contexto, o conceito de capital social de Bourdieu (1987) se vincula à pesquisa, uma vez que, ele não só possibilita que os usuários autenticuem o lugar desses sujeitos (curtindo e/ou compartilhando os *tweets*), como também lhes confere acesso à construção do gênero. Em outras palavras, instaura-se uma relação de retroalimentação entre esses dois movimentos, pois quanto maior o reconhecimento alcançado por um enunciado, mais chances ele tem de standardizar o gênero em circulação. Sobre a *organização textual*, portanto, é possível verificar certo padrão na seleção de informações a serem veiculadas via *tweet*. É evidente que o suporte em questão torna-se um entrave para o desenvolvimento e elaboração textual, uma vez que há uma limitação de espaço. A plataforma Twitter, permite que cada postagem possua um total de 140 caracteres. A limitação de espaço faz com que os interlocutores se utilizem de estratégias como abreviações, ausência de pontuação e uma necessária habilidade objetiva. Esse fato merece destaque, uma vez que, de acordo com Balocco (2005), um elemento importante para a análise de um gênero é a mídia pelo qual é posto em circulação.

Ao trazerem relatos de si, esses sujeitos precisaram fazer uma seleção de informações, preconizando o que seria mais necessário para o estabelecimento da mensagem. Na tabela que se segue, separamos o conteúdo expresso nas publicações previamente selecionadas, buscando elencar e separar alguns elementos que consideramos importantes e comuns aos tweets. São eles: a idade do assédio, o agressor, o local em que ocorreu o assédio e qual foi o ato/ação de assédio.

Tabela 2 – Análise dos dados #PrimeiroAssedio (Revista Fórum, 2015)¹⁰

	QUANDO	QUEM	ONDE	COMO/ O QUE
1	9 anos	vizinho que devia ter uns 50 na época (conhecido)		me agarrou por trás e começou a esfregar o pau em mim
2	uns 8 anos	vizinho idoso e deficiente (conhecido)		Me apalpou e me tocou
3	uns 8 anos	dois rapazes (desconhecido)	nas compras	passaram por trás, pegaram na minha bunda e saíram rindo
4	uns 10 anos	um senhor (desconhecido)		colocou a mão dentro da minha blusa e disse: "que tesão"
5	9 anos	porteiro do prédio (conhecido)		me ergueu pra me ajudar a pegar um brinquedo na árvore fazendo questão de me apalpar
6		pai de uma amiga (conhecido)	Carro	passou a mão em mim durante uma viagem de carro de volta pra casa
7		um cara (desconhecido)		passou por mim e botou a mão por debaixo da minha saia
8		PM (policia militar - desconhecido)		chamando de gostosa
9	9 anos	um cara de bicicleta (desconhecido)		passou a mão na minha bunda, enqt murmurava "gostosa" de um jeito bem nojento
10	6 anos	pai (conhecido)	Casa	chegou bêbado em casa e tentou deitar na minha cama. Comigo.
11	10 anos	melhor amigo do meu pai (conhecido)		Colocou a mão dentro da minha calcinha perguntando se eu gostava daquilo.
12	7 anos	4 meninos (desconhecidos)	quadra da escola	me suspendem e tentam tirar minhas roupas
13	10 anos	um homem (desconhecido)	passeando com meu cachorro (rua)	um homem se masturbando na minha frente ao lado de um caminhão pequeno
14	6 anos	primo de 14 anos (conhecido)		falava préu pegar no pau dele que era normal

A partir dos *tweets* selecionados, é possível identificar alguns padrões textuais e discursivos. Um elemento importante presente é a indicação da idade em que o evento ocorreu. No

¹⁰ Em campanha no Twitter, mulheres relatam primeiros casos de assédio que sofreram. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/10/22/em-campanha-no-twitter-mulheres-relatam-primeiros-casos-de-assedio-que-sofreram/>> Acesso em: 25 nov. 2015.

que tange à figura agressora, constatamos que alguns casos são desconhecidos (ou não há indicação clara dos conhecidos), como nos exemplos 3, 4, 7, 8, 9, 12 e 13, mas em outros, os agressores fazem parte da vida das vítimas, podendo ser amigos pessoais ou até mesmo membros da família, como ocorreu nos casos 1, 2, 5, 6, 10, 11 e 14. Ainda sobre esse aspecto é importante ressaltar que, mesmo quando o agressor não é anônimo, a vítima refere-se a ele fazendo uso de antonomásia, isto é, introduz o agressor por meio de características, sem nunca nomeá-lo, como no exemplo (5), em que indica como agressor o "porteiro do prédio", ou no exemplo (14), com "primo de 14 anos". Alguns elementos que consideramos importantes, como a idade da vítima quando do ocorrido são citados em 11 dos 14 exemplos selecionados. E só houve indicação do local do ocorrido em 5 dos 14. Por outro lado, os elementos centrais da ação do assédio: vítima (interlocutora), agressor e ato de agressão são representados em todas as publicações, apontando para a importância da representação desses dados para a constituição do *tweet* #PrimeiroAssedio.

Em termos do *propósito e da finalidade* reconhecida por meio do uso da *hashtag* #PrimeiroAssedio é necessário retomar a informação de que o discurso se dá “como uma prática social, ou seja, como uma forma de agir no mundo por meio da linguagem” (p. 68). Desse modo, veicular um gênero significa, necessariamente, buscar intervir no meio social. Se considerarmos, mais uma vez, a transição do privado para o público, torna-se possível afirmar que a busca pela validação das posições desses sujeitos é a finalidade desse gênero, uma vez que tornar essa experiência pública significa enfrentar restrições pessoais e sociais. Essa asserção se valida dado o fato de que um gênero só passa a circular socialmente “quando certas condições sócio-históricas estão presentes: quando a discussão de temas relativos à vida privada dos indivíduos pode ser discutida em espaços públicos” (BALLOCO, 2005, p. 66). Assim, ao enfrentar os discursos recorrentes de culpabilização da vítima, ou que naturalizam esse tipo de assédio, esses sujeitos estão atribuindo finalidade ao gênero #PrimeiroAssedio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de dados selecionados para esta pesquisa, conseguimos verificar que, entre os interlocutores e agentes das publicações veiculadas pela *hashtag* #PrimeiroAssedio, há um lugar comum de onde os interlocutores falam, as posições que assumem de sujeitos que foram vítimas de assédio sexual ainda no período da infância ou adolescência. Alguns elementos da organização textual estão presentes em todos os *tweets*, como a narração do fato ocorrido e a indicação do agressor (mesmo que de maneira anônima). Ademais, é possível inferir o propósito e finalidade reconhecida por meio do uso da etiqueta como sendo a validação das posições desses sujeitos no ambiente virtual, buscando um senso de coletividade.

Considerando não apenas as questões linguísticas e textuais previamente mencionadas, cabe, também, reflexão sobre os efeitos obtidos a partir do uso dessa *hashtag*. O movimento gerado pela #PrimeiroAssedio, fez com que muitas mulheres sentissem-se seguras para relatarem violências e assédios sofridos. Cabe ressaltar que, em muitos casos, o que foi relatado transcendeu a ideia de assédio, materializando-se em abuso físico. Esse fenômeno coletivo uniu mulheres de vários lugares do país e do mundo. A proporção alcançada por esse movimento propiciou um fortalecimento das mulheres como uma classe e um questionamento das cadeias discursivas impostas até então, como a de culpabilização da vítima, por exemplo. Esse movimento de consonância das vozes femininas em redes sociais, que ilustramos por meio do movimento #PrimeiroAssedio, não só empodera mulheres, como também opera de modo a confrontar as regularidades discursivas calcadas no eixo sócio-histórico ao criar núcleos discursivos que possibilitam questionar discursos naturalizados.

Desse modo, defendemos que a recorrência de enunciados compartilhados por um grupo social, inserido em uma dada esfera comunicativa, pode gerar transformações sociais. Partindo da noção de que a internet torna fácil e rápido o acesso às informações, as redes sociais, por sua vez, incentivam a sociabilização da informação, fortalecendo e unindo vozes, gerando poder a grupos diversos, como pôde ser observado no fenômeno #PrimeiroAssedio. A partir do exposto, do levantamento teórico acerca dos gêneros textuais, da análise crítica do discurso e da teoria discursivo-semiótica, além das explanações sobre o fenômeno envolto no uso da hashtag #PrimeiroAssedio, pudemos elencar alguns elementos que, a nosso ver, permitem entrever algumas características descritivas do gênero #PrimeiroAssédio, reelaborado a partir do gênero relato pessoal.

De maneira geral, o gênero relato pessoal, de acordo com Costa (2008), constitui-se como narração não ficcional de caráter subjetivo, escrita ou oral, sobre um acontecimento, por isso, geralmente, elaborado no pretérito perfeito ou o presente histórico. Assim, podem estar presentes no relato trama (experiências pessoais), espaço, tempo e presença de interlocutores, justamente por ser predominantemente narrativo, porém pode apresentar sequências tipológicas expositivo-argumentativas. Ainda conforme Costa (2008), essa possibilidade de organização textual pode permitir ao relator se valer de avaliações e de coda. Como esse gênero tem por especificidade possibilitar ao indivíduo compartilhar acontecimentos relevantes pertinentes à sua vida, podemos afirmar que relatos pessoais se caracterizam pela ideia de “revelação”, isto é, como mencionado anteriormente, pelo ato de deslocar uma informação do domínio particular para o público.

Dado esse contexto, se considerarmos o estudo realizado por Araújo (2016), bem como as análises propostas ao longo desse artigo, podemos afirmar que a *hashtag* #PrimeiroAssedio é uma

reelaboração de um relato pessoal. Por meio da campanha gerada pelo coletivo Think Olga, indivíduos compartilharam suas experiências pessoais quanto à primeira vez que sofreram assédio, narrando em primeira pessoa, eventos ocorridos no passado. Isso significa que os enunciados analisados nesse artigo atendem às principais características de um relato pessoal como previstas por Costa (2008). No entanto, os tweets etiquetados pela *hashtag* #PrimeiroAssedio sofreram reelaborações, dados o propósito discursivo da campanha criada pelo coletivo Think Olga, e a plataforma por meio da qual foram veiculados. Desse modo, os relatos gerados para a campanha do #PrimeiroAssedio, foram mais sintéticos do que normalmente se espera de um texto de cunho narrativo, o que se deve à limitação da plataforma Twitter.

Outras reelaborações foram realizadas para atender o objetivo do evento discursivo, assim, os tweets foram organizados com certa estabilidade a partir de padrões linguísticos. Os tweets analisados foram produzidos a partir de eixos como: quando o assédio aconteceu, quem assediou, de que forma ocorreu. Todos esses fatores fazem parte de uma narrativa, no entanto, dentro desse contexto, foram reelaborados de forma a atender a esfera discursiva da *hashtag*.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, A. B. Em campanha no Twitter, mulheres relatam primeiros casos de assédio que sofreram. *Revista Fórum*. 22 Out. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/10/22/em-campanha-no-twitter-mulheres-relatam-primeiros-casos-de-assedio-que-sofreram/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.
- ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J; LEFFA, V. (Org.) *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BALOCCO, A. E. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2011[1979].
- BOURDIEU, P. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal* 01, Sociology, n. 32, p. 1-49, 1987.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FAIRCLOUGH; W. Critical discourse analysis. In: Van Dijk, T.A. (ed). *Discourse as social interaction*. London; Sage, 1997, P.258-284.
- FONSECA, J. J. S.S. da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- HABERMAS. *Erkenntnis und interesse*. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

KRESS, G. History and language: towards a social account of linguistic change. *Journal of Pragmatics*, v. 13, n. 3, p. 445 – 466, 1989.

KRESS, G.; Hodge, R. *Language as ideology*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. Disponível em <http://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf>

MARTINO, L. M. S. *Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao eu digital*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. M. O conceito de 'estrutura potencial do gênero' de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NARVAZ, M.; KOLLER, S. H. O feminino, o incesto e a sedução: problematizando os discursos de culpabilização das mulheres e das meninas diante da violação sexual. *Revista Ártemis*, v. 6, p.77-84, 2007.

NEVES, A. de J. *Cibercultura e Literatura Identidade e Autoria em Produções Culturais Participatórias e na Literatura de Fã (fanfiction)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

PATROCINIO, C. Quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos precisamos falar sobre a cultura do estupro. *Huffpost Brasil*. 21/10/2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/carol-patrocinio/quando-uma-menina-de-12-a_b_8348388.html?utm_hp_ref=brazil>. Acesso em: 13 maio 2016.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). *Gêneros: teorias métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In. *Anais VI Seminário de estudos em análise do discurso 1983, 2013 - Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença*. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2016.

SIPS. Sistemas de indicadores de percepção social. *Tolerância social à violência contra as mulheres*. 2014. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf> .

THINK OLGA. *Hashtag transformação: 82 mil tweets sobre o #PrimeiroAssedio*. 26/10/2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>>. Acesso em: 13 maio 2016.

THOMPSON, J. B. *Ideology and modern culture*. Cambridge: Polity Press, 1990.